

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO FRENTE AO BULLYING

EL PROCESO DE HUMANIZACIÓN Y EMANCIPACIÓN ANTE EL BULLYING

THE HUMANIZATION AND EMANCIPATION PROCESS FACING BULLYING

Gabrielly Manesco da Silva FELIPPE¹

Katya Luciane de OLIVEIRA²

Andrea Carvalho BELUCE³

RESUMO: O capítulo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre o *bullying* e o sistema capitalista. O problema de pesquisa versa sobre a relação do consumismo e do comportamento competitivo aqui discutido como manifestação do *bullying*, uma vez que tal prática tange aspectos das relações de poder, reproduzindo relações desiguais e desestruturantes do ponto de vista psíquico. Nesse cenário, é possível refletir que a disputa que o sistema social e econômico vigente impõe estimula papéis determinados de vencedores e perdedores, implica em violência e submissão à autoridade – características do *bullying*. Pensando na escola como espaço social mais suscetível ao *bullying*, cabe aos profissionais, por meio de sua ação docente, auxiliar os alunos no processo de humanização e emancipação frente ao *bullying* escolar, contemplando leitura a fim de que os alunos possam se perceber como agentes ativos dentro das relações histórico-sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Capital. Relação de poder.

RESUMEN: *El capítulo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones sobre la intimidación y el sistema capitalista. El problema de la investigación trata de la relación del consumismo y la conducta competitiva discutida aquí como una manifestación del bullying, ya que esta práctica se refiere a aspectos de las relaciones de poder, reproduciendo relaciones desiguales y desestructurantes desde un punto de vista psíquico. En este escenario, es posible reflexionar que la disputa de que el sistema social y económico actual fomenta determinados roles de ganadores y perdedores, implica violencia y sometimiento a la autoridad, características del bullying. Pensando en la escuela como un espacio social más susceptible al acoso escolar, corresponde a los profesionales, a través de su acción docente, ayudar a los estudiantes en el proceso de humanización y emancipación frente al acoso escolar, contemplando la lectura para que los estudiantes se perciban como activos. agentes dentro de las relaciones histórico-sociales.*

PALABRAS CLAVE: Bullying. Capital. Relación de poder.

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3413-1944>. E-mail: gabymfelippe@gmail.com

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Laboratório de Avaliação e Pesquisa Psicológica/LAPPSIC. Departamento de Psicologia e Psicanálise. Centro de Ciências Biológicas. Doutorado em Educação (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2030-500X>. E-mail: katyauel@gmail.com

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Atualmente é Diretora Educacional da Escola de Governo de Londrina e pesquisadora da UEL. Doutora em Educação (UEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7581-7045>. E-mail: andreabeluce@gmail.com

ABSTRACT: *The chapter aims to present some reflections on bullying and the capitalist system. The research problem deals with the relationship of consumerism and competitive behavior discussed here as a manifestation of bullying, since this practice concerns aspects of power relations, reproducing unequal and destructuring relations from a psychic point of view. In this scenario, it is possible to reflect that the dispute that the current social and economic system encourages determined roles of winners and losers, implies violence and submission to authority - characteristics of bullying. Thinking of the school as a social space more susceptible to bullying, it is up to professionals, through their teaching action, to assist students in the process of humanization and emancipation against school bullying, contemplating critical reading so that students can perceive themselves as active agents within historical-social relations.*

KEYWORDS: *Bullying. Capital. Power relation.*

Introdução

O presente artigo é resultado da disciplina de Educação, formação humana e práxis: implicações do marxismo, da Teoria Histórico Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica para a Educação Escolar, 2EDU611, do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Londrina, cujo objetivo é enfatizar as transformações significativas da sociedade moderna consequente da globalização (GIDDENS, 2006) e, por isso, torna-se necessário repensar e contextualizar o conceito de *bullying*, para problematizá-lo a partir do cenário histórico atual.

Numa análise onto-histórica, onto se refere à essência do ser, e histórica ao processo pelo qual os homens modificam a natureza e se modificam, por meio do trabalho. No pensamento marxiano, o trabalho humano cria o mundo materialmente sensível, as relações e as instituições sociais e as concepções, ideias e emoções correspondentes, além de elucidar que o trabalho apresenta um duplo caráter, que atende necessidades ontologicamente fundamentais da existência humana e sua forma particular de atividade, e o trabalho abstrato se expressa como gasto de força de trabalho, mas seu valor de uso para o capital consiste na produção de mais-valia (CHASIN, 2009). Nessa premissa importa destacar o trabalho docente como foco de uma ação humanizadora.

Decorrente da divisão social do trabalho, a violência centra-se nas características fundamentais da estrutura de classes da sociedade capitalista. Raduenz e Stival (2010) apresentam dois mecanismos destinados à consolidação da sociedade capitalista: a reprodução da cultura e a reprodução das estruturas de classes. O primeiro se manifesta no mundo das “representações simbólicas ou ideologia”, e o outro atua na própria realidade social. A violência vem sendo presente no segundo mecanismo. O fenômeno vem crescendo como reflexo dos

novos paradigmas, de competitividade, de valorização exagerada do capital, o que gera frustrações, ansiedades e estresse, acirrando a violência.

***Bullying* como consequência do capitalismo**

Junto às transformações resultantes da globalização na sociedade moderna, o homem pós-moderno vive na modernidade líquida, cuja população é dividida em classes, repartição entre cidade e campo e, por isso, ela é uma abstração quando se desvalorizam as classes que a compõe, que se tornam vazias à medida que se ignora a troca, a divisão de trabalho, os preços justos atribuídos aos trabalhos, dentre outros, gerando a violência centrada nessa estrutura de classes da sociedade capitalista. O trabalho, por exemplo, visto com indiferença, corresponde a uma forma da sociedade trocar com facilidade de um trabalho a outro, cujo gênero do mesmo é indiferente. O trabalho do professor se distingue nessa relação à medida que o seu trabalho, muitas vezes visto com indiferença pela sociedade, é um motor propulsor do desenvolvimento escolar e também socioafetivo do aluno. Nesse sentido, o professor e sua ação docente tem centralidade na humanização do aluno.

Todavia, importa dizer que o homem como trabalhador tem suas propriedades humanas na medida em que direciona todos seus esforços em torno do capital (Marx, 2004). Nessa direção, a habilidade profissional do professor é a base do processo de produção, logo, sua força de trabalho atende em certa medida ao caráter técnico específico do modo de produção capitalista. A finalidade é evidenciar o quanto o modo capitalista (de)forma o indivíduo e, no caso da presente discussão, o professor, uma vez que induz a formação para a apreensão da obra humana para e pelo capital, tornando, portanto, essa ação docente colonizadora. Ainda para Marx (2004), os sentidos físicos e espirituais foram substituídos pelo sentido do “ter”, referindo-se ao homem como mercadoria humana – a mercadoria o produz como um ser desumanizado.

Acaba se tornando uma tarefa um tanto quanto difícil ao professor atentar-se às características abstratas do ser humano em meio a tanto consumismo, massificação do ter, de um “concreto”, ainda que fútil, e também na relação dominadora que impõe o papel docente. Posto isto, entende-se que por meio de uma ação docente humanizadora pode-se chegar a uma construção formativa que privilegie práticas menos competitivas e voltadas ao padrão do capital ter e mais pautadas em padrões que se voltem para um bem-estar coletivo.

Neste texto e de forma específica admite-se que uma consequência do capitalismo no contexto das relações escolares pode ser manifestada como *bullying* escolar, tendo relação

direta com as manifestações de poder. Rigby (2007) conceitua *bullying* como um desequilíbrio de poder, ou seja, ocorre a repetida opressão psicológica ou física de uma pessoa/grupo com menos poder, por uma pessoa/grupo com mais poder. O autor explicita este desequilíbrio com a agressão de uma pessoa a outra menor e fraca, ou quando um grupo de pessoas combina para aterrorizar um único indivíduo, entretanto, adverte que também pode ocorrer de forma menos óbvia, como no âmbito psicológico.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2010) classifica essa violência escolar em cinco tipos: verbal; física e material; psicológica e moral; sexual; virtual ou *cyberbullying*. A Tabela 1 apresenta a organização teórica do modelo proposto.

Tabela 1 – Violência escolar

Tipo de violência	Comportamentos expressos
Verbal	Insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos.
Física e material	Bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima.
Psicológica e moral	Humilhar, constranger, excluir, discriminar, ameaçar, intimidar, difamar.
Sexual	Abusar, violentar, assediar, insinuar sexualmente a vítima.
Virtual ou <i>Cyberbullying</i>	<i>Bullying</i> realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.

Fonte: Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2010)

No *bullying* podem estar envolvidos a vítima, o agressor, a vítima/agressor e a testemunha: as vítimas normalmente não reagem às agressões, são mais propensas a desencadear sofrimentos psíquicos como inseguranças, baixa autoestima, ansiedade, depressão, introversão e/ou inibição, além deterioração da identidade; os agressores agem impiedosamente e têm pouca empatia (MEZZELA, 2008); a vítima-agressora ao mesmo tempo em que é vítima também é agressora, normalmente descontando as agressões sofridas em outros colegas como forma de vingança e/ou compensação; as testemunhas testemunham agressões contra as vítimas sem tomar quaisquer atitudes em relação a isso em razão do temor de se tornarem as próximas vítimas.

Segundo Guareschi (2008), atentar-se ao contexto, isto é, à cultura em que os jovens estão imersos é importante pois pode influenciar no modo com que lidam com problemas e

peças. A nova cultura, já mencionada, exerce poder no processo de gerar problemas e criar soluções. As opções que vem à mente de uma pessoa em situações de desafio são influenciadas pela mesma. Muitos alunos envolvidos no *bullying* receberam influência cultural que eliminava opções que não envolvessem violência na resolução de problemas do dia a dia.

Por isso, uma das principais características do *bullying*, conforme menciona Lopes Neto (2005), é a relação de poder.

Os limites do *bullying* têm sido transcendidos, passando para o mundo virtual (DIAMANDUROS; DOWNS; JENKINS, 2008; POPOVIC-CITIC; DJURIC; CVETKOVIC, 2011), a partir do *cyberbullying*. Em seu conceito, é um comportamento agressivo executado via tecnologias com característica de exclusão social, ameaças, insultos ou envergonhar outra pessoa. Na internet ocorre ainda mais o desequilíbrio de poder, já que as informações divulgadas não podem ser facilmente controladas e há a possibilidade de anonimato do agressor, independentemente da sua posição social ou popularidade na escola (SMITH; THOMPSON; DAVIDSON, 2014).

O agressor usa mensagens instantâneas, e-mail, SMS, salas de chat, blogs, websites, jogos online, dentre outros para praticar a agressão, que pode ocorrer por vários motivos: por não ver a reação da vítima, logo, não ter empatia; achar seu próprio comportamento divertido ou de puro entretenimento; vingança (VANDEBOSCH; VAN CLEEMPUT, 2009). O agressor tem maior probabilidade de já se ter envolvido noutros incidentes de *cyberbullying* como vítima ou espectador (VANDEBOSCH; VAN CLEEMPUT, 2009); existe pouco consenso em relação a idade e gênero, entretanto, alguns autores defendem que são os rapazes a assumirem maioritariamente este papel e que a prevalência é maior nos mais novos (12-15 anos). Quanto à vítima, se encaixa neste perfil por não se enquadrar em determinados padrões, e o anonimato do agressor aumenta o nível de medo, visto que o autor pode ser qualquer pessoa (inclusive amigos chegados) ou haver vários agressores envolvidos (CRUZ, 2011; MARK; RATLIFF, 2011).

A violência vem crescendo como um reflexo dos novos paradigmas da sociedade contemporânea de relações superficiais, de competitividade, de valorização exagerada do capital, gerando frustrações, ansiedades e estresse que muitas vezes são fatores que acirram a violência (BARUS-MICHEL, 2011). O conceito de violência pode ser considerado como relação pessoal, política, social e cultural, além de variar no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época. Para a filosofia, o conceito só existe para o homem, ou seja, é exclusivo do mundo humano. Somente ele interpreta, compreende e estabelece uma relação com o outro e, nessa relação, ele pode ou não se tornar violento (KIRSCHER, 1992). O

homem é dotado da linguagem e da razão, entretanto, implicitamente, os seres humanos, por natureza, não dispõem da razão e da linguagem razoável.

Papel da educação no processo de humanização e emancipação do indivíduo

Com uma prática humanizadora e ao se apropriar das objetivações humanas presentes no conhecimento científico, os alunos poderão se emancipar frente a tais problemáticas, inclusive saberão lidar de forma mais assertiva e menos agressiva ou letal do ponto de visto psíquico e físico como é o caso do bullying. Seria uma oportunidade para entrar em contato com temáticas como práticas individualistas, preconceituosas, classistas e sexistas, mobilizando respeito mútuo e coletivo (OLIVEIRA, 2005).

Dessa maneira, poder-se-ia, por meio da prática docente, ocorrer a transformação do indivíduo e das relações que ele estabelece com o outro, com a concepção de mundo e com a sua própria individualidade e atividade (GRAMSCI, 1995). Sob esse aspecto, haveria um foco no desenvolvimento universal e livre da individualidade que o autor questiona se é preferível pensar sem consciência crítica, ou seja, participar de uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelos grupos sociais automaticamente envolvidos, ou se é preferível elaborar sua própria concepção de mundo com consciência crítica e consciente.

Nessa linha, o trabalho educativo poderia produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo a humanidade, que é também produto histórico e coletivo (SAVIANI, 2003). Com isso, se voltaria para uma prática não colonizadora e romperia um modelo pautado em relações de poder que incentivam práticas violentas/*bulling*. Portanto, com a humanização do aluno, haveria a transformação do mesmo em indivíduo humanizado, a partir da riqueza material e espiritual necessária ao desenvolvimento da individualidade. Visto que o indivíduo nessa concepção não se limita à riqueza espiritual, a base da formação da individualidade é a apropriação da riqueza material. A mesma exige conhecimentos para apropriação da riqueza humana tanto em suas formas materiais quanto imateriais – resultado da objetivação. O ser humano se objetiva em objetos, entretanto, a objetivação não é apenas um processo de exteriorização, mas sim de acúmulo de experiência, condensação da experiência humana.

Nesse cenário tão complexo, pode-se supor que o capitalismo levou a alienação ao extremo, pois da mesma maneira que produziu e desenvolveu atividades que se tornaram indispensáveis ao desenvolvimento humano, criou profundas formas de alienação e violência. Marx e Engels apontam que a mundialização das relações de produção capitalista é um processo de humanização, uma vez que derruba barreiras locais e coloca o indivíduo em relação mundial,

todavia, ao mesmo tempo, oferece espaço à alienação – fenômeno produzido pela luta de classes, gerando contradições que movem a história e a produção da vida humana. No contexto escolar a luta de classes também se representa na relação do dominador ou agressor (quem pratica a violência) e a vítima ou dominado (aquele que sofre as consequências da ação violenta). Trata-se de um ambiente, conforme anteriormente mencionado, profícuo para a competitividade como ação destrutiva.

Marx (1932/1968) observa que o trabalho como ação que transforma o meio, modificando-o e modificando-se, produz cultura e humanização da natureza/naturalização do gênero humano. O trabalho é a ação consciente do homem sobre a natureza, transformando-o em função de suas necessidades, ou seja, é um processo entre o ser humano e a natureza em que o ser humano metaboliza a natureza. É nesse processo em que começa a produzir cultura, diferenciando-se dos outros animais, e que ocorre o processo de humanização (Harvey, 2010). E nessa seara está a preciosidade da ação doente, nessa prática humanizadora que não serve a um capital, mas sim à relação identitária e humanizada desse sujeito com seu contexto e realidade, e que o faz caminhar também em uma ação que não reproduza os ciclos de violência como aqueles vistos em práticas de *bullying*, no qual a vítima em muitos casos pratica revanche e acaba em circunstâncias futuras também se tornar um retaliador ou um agressor.

A cultura, portanto, como par do processo de hominização, é uma criação com duas faces – da cultura e do ser humano – num mesmo processo (WULF, 2013). O aparecimento do ser humano atual e a nova cultura permite a apropriação das transformações e desenvolvimento da espécie, que como produto do trabalho, diferencia-se dos outros animais, ou seja, o ser humano apropria-se das funções essenciais dos instrumentos que utiliza e desenvolve por meio da apropriação da cultura, formando novas capacidades e funções intelectuais.

Visto que o ser humano desenvolve uma evolução da produção de bens materiais, uma cultura espiritual, seu conhecimento sobre o mundo e sobre ele mesmo, de forma simultânea, conforme indica Heller (2004), um ser humano é ente genérico: social, histórico e coletivo. Cabe ao papel educativo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, organizado nas políticas de gestão do sistema escolar, seja ele público ou privado, possibilitar o desenvolvimento do ser social que se apropria os rudimentos da cultura material e espiritual, que ocorre devido à relação com os outros alunos, reduzindo a frequência da violência escolar. No processo, o ser humano faz a aprendizagem de uma atividade apropriada através de um processo educativo, portanto, a apropriação da cultura equivale a um processo coletivo. Entretanto, é necessário enfatizar que não há apropriação cultural quando um grupo excluído ou marginalizado é forçado a assimilar

traços da cultura daqueles que o dominam para sobreviver, como ocorreu durante todo o processo de colonização, em especial na escravidão (NASCIMENTO, 2018).

Considerações finais

Visto que a violência escolar é uma consequência do sistema capitalista, cuja principal característica é a relação de poder, ou seja, o poder que um sujeito tem sobre o outro, o *bullying* vem ocorrendo pelo fato do agressor possuir algumas características, tais como idade e tamanho superior, estrutura física ou emocional mais equilibrada, comprar roupas e tênis e ter dinheiro, onde há relações entre a prática excessiva do consumo e a prática de bullying.

Cabe aos profissionais auxiliar os alunos no processo de humanização e emancipação frente ao *bullying* escolar, contemplando leitura crítica a fim de que os alunos possam se perceber como agentes ativos dentro das relações histórico-sociais, uma vez que sem a emancipação os alunos acabam tendo a ilusão de que [de alguma forma] exercem seu autocontrole, e que conseguem controlar a violência e a natureza, tanto dentro quanto fora de si (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Também importa mencionar a relevância de ações em termos de políticas públicas que se voltem para práticas estruturantes e organizem o sistema, com isso poder-se-ia permitir que a ação docente fosse de fato humanizadora e o processo de hominização tornasse o aluno de fato provido de toda apropriação humana e, portanto, ressignificasse o que é ser ‘humano’.

Posto isto, o papel que a educação escolar deve desempenhar no processo de humanização dos alunos é o de adotar, pela mediação do conhecimento científico, uma intervenção que culmine no desvelamento das diferentes problemáticas vivenciadas cotidianamente. Ao se apropriar das objetivações humanas presentes no conhecimento científico, os alunos poderão se emancipar frente a tais problemáticas e mobilizar respeito mútuo e coletivo.

AGRADECIMENTOS: à querida Prof.^a Marta Silene Ferreira Bastos, por conduzir a disciplina 2EDU611 partilhando seus conhecimentos, bem como oportunizar o presente artigo, orientando e incentivando a produção do mesmo; à querida Prof.^a Sandra Regina Mantovani, pela participação especial nas orientações pontuais e contribuições portentosas à elaboração deste artigo; à querida Prof.^a Dr.^a Katya Luciane de Oliveira, gratidão especial à minha orientadora e coautora, pela pessoa e profissional excelente que é, obrigada por toda orientação,

apoio, confiança e esforço para que eu pudesse superar cada obstáculo; à Andrea Beluce, coautora com a qual tive o prazer de conhecer e dividir conhecimento, descobertas e conquistas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, E. H. Uma reflexão crítica sobre o bullying e os valores capitalistas. **Revista Camine: Caminhos da Educação**, Franca, 2014.

BERNARDES, M. E. M. O desenvolvimento humano e a apropriação da cultura. *In: Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 29-77.

DUARTE, N. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. *In: SILVA, João Carlos da (org.). Pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios de sua institucionalização*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Até onde o bullying escolar se constitui como reflexo das relações sociais? *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

MALANCHEN, J. Cultura processo de humanização e emancipação humana: definição e compreensão a partir da teoria marxista. *In: Formação, ensino e emancipação humana: desafios da contemporaneidade para a educação escolar*. Curitiba, PR: CRV, 2019.

MARX, K. Terceiro Manuscrito. *In: Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. Karl Marx; seleção de textos de José Arthur Giannotti. Trad. de José Carlos Bruni *et al.* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 3-32.

MELLO, S. A. Cultura, mediação e atividade. *In: Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações*. Araraquara, SP: Junqueira & Martin; Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2009.

MOTA, K. C. M. **Da concepção do bullying ao fenômeno da violência como manifestação da alienação: uma análise onto-histórica**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PADILHA, A.; BARROS, M. S. F. Da formação humana ou do desenvolvimento do homem: de que desenvolvimento se trata? *In: BARROS, M. S. F.; PASCHOAL, J. D.; PADILHA, A. Formação, ensino e emancipação humana: desafios da contemporaneidade para educação escolar*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 29-41.

PIPPI, I. C. L. **Bullying: relações de poder na escola**. Universidade federal de Santa Maria - Licenciatura em Ciências Sociais.

ROBERTO CECCARELLI, P.; JÚNIOR PATRÍCIO, C. Bullying e pós-modernidade: uma relação intrínseca (?). **POLÊMICA**, v. 12, n. 3, p. 415 - 431, out. 2013. ISSN 1676-0727. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/8009/5845>. Acesso em: 09 jul. 2021

SILVA, D. L.; SANTOS, B. B.; SILVA, G. B. **Sociedade de consumo e bullying**: retrato do capitalismo. Barreiras, BA, 2019.

Como referenciar este artigo

FELIPPE, G. M. S.; OLIVEIRA, K. L.; BELUCE, A. C. O processo de humanização e emancipação frente ao bullying. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0860-0869, mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.16325>

Submissão: 24/11/2021

Revisões requeridas: 19/02/2022

Aprovado em: 28/02/2022

Publicado em: 01/03/2022